



Relações Socioculturais na Linguagem da Mídia de Fronteira:

Ponta Porã/Brasil-Pedro Juan Caballero/Paraguai¹

Karla M. Müller²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Vera L. S. Raddatz³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS

RESUMO

As relações socioculturais entre idiomas como o português e o espanhol são representadas na fronteira pelo modo de falar característico dos cidadãos que vivem nesses locais e naturalmente difundidas pela mídia porque constituem o processo de formação dessas regiões. Os dois idiomas se complementam, mas não se fundem. Eles reproduzem as marcas culturais dos povos da língua materna, que por sua vez, já receberam influências desde a colonização. O objetivo deste texto é refletir sobre estas questões a partir da linguagem utilizada pelo rádio e o jornal localizados na fronteira Ponta Porã (Brasil) - Pedro Juan Caballero (Paraguai) e pelas falas dos cidadãos fronteiriços. Para analisar a questão proposta escolhemos o programa Bom Dia, da Rádio Amambay FM, de Pedro Juan Caballero, apresentado por um brasileiro, e o Jornal da Praça, de Ponta Porã.

PALAVRAS-CHAVE: língua; mídia de fronteira; integração cultural.

Língua e linguagem: as relações socioculturais

A linguagem humana compreende um sistema abrangente de signos que visa à comunicação e é fruto da natureza e da estrutura lógica do cérebro. Mesmo os povos mais primitivos demonstram um sistema organizado de linguagem que se mostra eficiente para sua comunicação. No decorrer da história o homem evoluiu sua linguagem e seu pensamento e criou formas de se comunicar que hoje chegam a códigos de domínio internacional, independente da nacionalidade.

Mas é a língua a forma mais elementar de comunicação entre os povos, embasada por uma cultura e por relações socioculturais que se estabelecem em

¹ Trabalho apresentado no I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Relações Públicas, Dra. em Ciências da Comunicação, Profa. e Pesquisadora do PPGCOM/ UFRGS; Membro do Conselho Editorial da revista INTEXTO www.intexto.ufrgs.br; Representante da UFRGS no Comitê Acadêmico Mercosul Integração (CAMI)/ Associação das Universidades Grupo Montevidéu (AUGM). Membro da Diretoria da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e do Instituto de Comunicação, Cultura, Educação e Formação Política Alberto André (IAA) - ARI; Colaboradora do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins. E-mail: kmmuller@orion.ufrgs.br

³ Profa. do Curso de Comunicação Social da UNIJUI; doutoranda do PPGCOM/ UFRGS; Integrante do Comitê de Ética e Pesquisa da Unijuí; Membro da Comissão Editorial da Revista Formas e Linguagens da Unijuí; E-mail: verar@unijui.edu.br



sociedade. A língua é viva e sua dinâmica acompanha o movimento de seus falantes, suas relações com os outros e com os lugares e grupos onde eles inserem-se, de modo amplo e também específico, pois do mesmo modo que refletem o modo de falar de uma nação, também incorporam e difundem traços e marcas próprias do grupo de convivência ou da região onde vivem.

Por meio da língua falada expressamos sentimentos e emoções, damos pistas de nossas origens, das marcas étnicas que carregamos e até mesmo do nível de conhecimento e informação que temos. Não é apenas a capacidade de argumentação que contribui para que revelemos quem somos pelo ato da fala. Falar é delatar-se pessoalmente e culturalmente. A língua materna é herança histórica, bem como uma série de elementos socioculturais que dela fazem parte. O sotaque, o vocabulário utilizado, as gírias e expressões típicas de um grupo ou de um lugar, possíveis neologismos que só fazem sentido num determinado contexto, um jeito singular de ordenar as palavras, a entonação e o ritmo, são aspectos que contribuem para determinar o que é o sociocultural na língua.

Muitos destes aspectos também aparecem de modo significativo na língua escrita e, juntos, nos levam a pensar na diversidade e na riqueza que a língua possui, constituindo-se sempre o patrimônio cultural de um povo ou de uma nação. Os livros, revistas, jornais ou qualquer outro meio que se utilize do texto escrito é um registro documental da cultura e da história de qualquer sociedade. Pela língua escrita ou falada fazemos a transposição das situações que vivemos para outro plano: o do registro, que pode ser compartilhado com outras pessoas que compreendam esse código. Esse é também o princípio da mídia, que se utiliza de um sistema complexo de linguagem, baseado principalmente no texto oral ou escrito, onde é possível perceber marcas socioculturais do contexto onde esta mídia está inserida.

A palavra é, portanto, a essência da língua. Ela comunica os feitos, as ações, as descobertas, os comportamentos e os pensamentos do homem, projetando-os num circuito aberto e contínuo; num universo onde podem se tornar conhecidos, criarem raízes, ser aperfeiçoados ou até mesmo questionados e rejeitados. É pela palavra que a cultura se irradia, difunde-se e passa de geração a geração com todos os contornos, características e implicações a ela inerentes. Isso nos leva a retroceder na história e pensar na colonização e formação do Brasil que recebeu a influência portuguesa. O Brasil herdou de Portugal não somente o idioma a ser falado, mas também alguns



costumes e traços vislumbrados hoje na sua cultura. Por meio da língua essa cultura foi sendo difundida e transformada. Não há como apagar esse registro histórico, pois ele é determinante de toda uma situação cultural estabelecida num determinado lugar e época.

Nós, latino-americanos, sabíamos que dois idiomas nos uniam (o espanhol e o português), mas as línguas indígenas eram quase secretas em vastas regiões (exceto no Paraguai, Peru, México, Bolívia e Guatemala). Nas escolas do continente, nos ensinavam uma história mais ou menos comum, e alguns setores sentiam que também a religião católica os unificava. (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 29)

A fase expansionista européia legou às Américas e à África uma herança cultural que nem mesmo os séculos foram capazes de eliminar. O português de Portugal falado no Brasil na época da colonização foi se modificando, dando origem às variantes dessa língua. Da língua do colonizador chegou-se à língua nacional que não recebeu o nome de brasileiro, mas continuou sendo chamada de português, embora se registre hoje uma identidade entre as duas, que se fixa nas origens pela forma e estrutura, mas voltada para o nacional na sua expressão cultural, com muitas diferenças, principalmente de sentido em relação ao uso de expressões e vocábulos.

A propósito, um movimento pretende a unificação da língua portuguesa nos países em que se fala português. Mesmo que a medida entre em vigor, um aspecto permanecerá inalterado, pois esta resolução não conseguirá destituir, além do papel, as marcas socioculturais do uso da língua dentro do território dos países que falam português. Ou seja, apesar da unificação da língua, as pessoas vão continuar no seu cotidiano falando do mesmo jeito, atribuindo sentidos que dizem respeito a sua realidade, e adotando práticas culturais próprias da sua região. Porém, na hora de escrever para publicação, provavelmente o aspecto formal da unificação prevalecerá.

Fenômeno semelhante a esse também ocorre em regiões de fronteira. Enquanto no dia-a-dia as pessoas que vivem na fronteira apreendem e adotam as possibilidades de comunicação que a língua oferece em toda a sua plenitude, considerando o seu idioma e o idioma do país vizinho, as fronteiras nacionais se abrem para aceitar a fala do outro, adotar termos do idioma do outro, misturados a sua língua materna, e até mesmo mesclar os dois idiomas para poder representar uma situação típica da região, sem necessariamente criar outra língua. Exemplo disso é destacado por Bisinoto, ao tratar da fronteira do Brasil com a Bolívia:



Os nativos [habitantes da cidade de Cáceres/ Mato Grosso] não têm conhecimento seguro da origem de sua fala. Acreditam sofrer influência do espanhol da Bolívia, ora atribuindo aos índios chiquitos da fronteira a procedência dos traços lingüísticos, ora mencionando os ‘bugres’ como falantes legítimos dessa variedade, sem saber definir exatamente esse segmento etno-social. (2001, p.147).

A essência desse fenômeno lingüístico reside nas relações socioculturais estabelecidas e vividas pelos habitantes dessas regiões, que vão criando identificações e afinidades, de modo que se aceitam e se respeitam nas suas identidades nacionais, mas também são capazes de criar uma identidade própria, que os caracteriza como fronteiriços. Isso só existe desse modo na fronteira, um espaço em que a língua e a identidade são fatores importantíssimos para a cidadania, a integração e a paz.

Fronteira, cultura e identidade: espaço de contrastes e dualidade

A fronteira é espaço de integração de dois territórios num mesmo lugar. Segundo Müller (2003), o fenômeno fronteira influencia os fazeres e os dizeres do homem local, podendo ser verificado nas falas, nos textos, nas manifestações culturais, esportivas e políticas, entre outras. E desse ponto de vista, a mídia, por sua vez, passa a desempenhar um papel preponderante no sentido de reforçar, criar e definir esta fronteira dentro da vida das comunidades.

Esses lugares além de movimentarem importantes somas de dinheiro em transações e negócios comerciais, representam um local politicamente importante nas decisões que se seguem, independente de onde elas são tomadas. Geralmente não são os centros dessas decisões, mas é lá que elas repercutem primeiro, basta pensar nas ações decorrentes do Mercosul. Se as decisões são tomadas em Brasília, Buenos Aires ou Montevideu, as reações mais imediatas, adversas ou não, repercutem nas zonas de fronteira onde são estabelecidos os primeiros contatos e ações a partir dessas decisões. Estas regiões funcionam como zonas de impacto e expressam imediatamente efeitos de sentido. Elas absorvem e afugentam tudo o que estiver relacionado às relações entre os países vizinhos.

O termo fronteira remete à idéia de território que fica entre as margens ou a uma linha divisória entre dois territórios. Na América Latina vivemos os conflitos e disputas por demarcação de terras desde a colonização:



Os espanhóis ocupam, pelo Pacífico, a região dos Andes e avançam para a área delimitada pelo Tratado de Tordesilhas (1494). Os portugueses, pelo litoral do Atlântico, caminham em direção ao interior. Forma-se o cenário dos choques constantes pela disputa das terras à época colonial, construindo a trama histórica desse movimento (...) A questão demarcatória das fronteiras continentais do Brasil constitui um capítulo extremamente rico e polêmico de nossa história, projetando na imagem produzida pela retórica da autoridade na relação entre colônia e metrópole, cujos resultados são inventariados nos relatos oficiais dos administradores da colônia. (ARAÚJO, 2001, p. 86-87).

O sentido de fronteiras nacionais que diz respeito aos espaços territoriais localizados nas áreas de limite entre duas nações segue em voga, principalmente na América Latina atual, em consequência dos conflitos gerados por posturas políticas frente ao território vizinho por parte dos governos, como é o caso de Paraguai/Brasil, Bolívia/Brasil, Argentina/ Brasil e Colômbia/Venezuela.

Como as regiões de fronteira são reconhecidas também como zonas de conflito e tensão, posturas como a do novo governo paraguaio em relação aos acordos comerciais da energia elétrica gerada por Itaipu e da posse da terra paraguaia por brasileiros que lá se estabeleceram para trabalhar com a agricultura, são vistas como um fator de fragilidade para a integração entre os dois povos. Da mesma forma, o governo boliviano questiona a posse da terra em seu país por brasileiros e coloca em questão a distribuição do gás boliviano que circula por gasodutos entre os dois países. O governo argentino, de Cristina Kirchner, com sua estratégia econômica frente aos produtos agrícolas, mexe com a economia brasileira, e a Colômbia e a Venezuela constantemente manifestam tensões em relação a seu território, especialmente pela ameaça das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

Atualmente é impossível dissociar o conceito de fronteira das relações que se estabelecem cotidianamente no contexto da globalização e da regionalização. A fronteira, desse ponto de vista, é percebida como um espaço de integração, em que o conceito de nacional expande-se, impulsionado pelo discurso dos meios de comunicação e da dinâmica dos próprios estados nacionais, que têm na fronteira uma espécie de lugar internacional em que o país pode se projetar pelas suas relações econômicas e políticas.

Apesar disso, a fronteira é muitas vezes definida como um lugar esquecido no mapa, como afirmam aqueles que a habitam, porque ali as coisas apenas passam e as decisões são tomadas sempre na esfera central do país. Com raras exceções, na América



Latina, as regiões fronteiriças são quase sempre pobres e pouco desenvolvidas, propensas à violência, ao tráfico de drogas e ao contrabando, justamente por serem regiões isoladas e distantes dos centros maiores. Na área urbana a indústria praticamente inexistente na fronteira, mas o comércio é o setor que sustenta a economia; o turismo se desenvolve lentamente, muito mais voltado para os negócios do que propriamente para o lazer. Na área rural o setor agropecuário luta para manter-se em posição de igualdade com outras regiões mais próximas dos centros de poder.

Alejandro Grimson (2002 p.19) diz que “as zonas fronteiriças constituem a dimensão espacial onde os desafios e tensões entre a continuidade e o câmbio se estabelecem de modo mais agudo e ali o cotidiano é atravessado pelas relações com os países vizinhos”. Na fronteira, países distintos convivem quotidianamente envolvidos não só pelas questões econômicas e estratégicas que permeiam esses espaços, mas também porque são muito fortes as relações socioculturais que se estabelecem nessa interação. Mas o fato de haver trocas e assimilações da cultura do outro não significa que ocorra a anulação ou perda da identidade de um ou de outro. Ao contrário, no caso de algumas fronteiras, citadas por Grimson (2002, p.20), como a que abrange a província de Misiones e o nordeste de Corrientes, na Argentina, o leste e o sul do Paraguai e o oeste dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, as alianças estabelecidas são muito evidentes. Elas permitiram protagonizar a realização de experiências socioculturais e econômicas que geraram, de fato, uma integração com mais de uma nação simultaneamente e que se dá por meio de uma rede de relações interpessoais, comerciais, familiares e oficiais.

Uma boa parte dos estudos e pesquisas sobre as fronteiras, atualmente tem se voltado para questões que investigam as transformações socioculturais contemporâneas, mais especificamente os aspectos das relações entre nós e os outros, e que correspondem a questões políticas, sociais e culturais e que dizem respeito à integração regional. Grimson (2000, p. 11) afirma que “os projetos de integração regional estariam provocando o desaparecimento das fronteiras. Porém os processos parecem ser muito mais complexos e contraditórios do que mostram as retóricas diplomáticas.” O mesmo autor destaca a existência de dois tipos de fronteiras: as físicas e territoriais e as culturais e simbólicas.

Assim, a compreensão desses espaços não se limita apenas aos limites territoriais, mas amplia-se para o universo das relações que pode provocar. O caráter histórico da



fronteira e a importância que tem para o país a constituem um fato de ordem também social. Suas contradições, conflitos, similaridades e diferenças, lhe imprimem um caráter de ambigüidade e a impossibilidade de reduzi-la a qualquer conceito fixo. Não dá, portanto, para afirmar que a fronteira é isto ou aquilo, porque sua identidade consiste justamente no princípio do fim e do começo, do nacional e do internacional, da cultura e do território, da história e da geografia, da integração e do conflito, da riqueza e da miséria. Ela carrega ainda a noção de fuga e de obstáculo, de liberdade e de impedimento, do legal e do ilícito. Assim, consiste um espaço de contrastes e dualidade.

Uma das maneiras de compreender como ocorrem essas relações é observar as diferentes manifestações lingüísticas que ali se processam por meio dos discursos dos cidadãos e dos políticos, por intermédio da literatura e das artes e da linguagem da mídia. E o que eles revelam não é uma idéia homogênea de fronteira. Ora falam de suas guerras e indignações, ora evidenciam os perigos e as formas de violência, bem como as histórias pacíficas e as atitudes da boa convivência que permitem a integração e a paz. As figuras centrais são sempre o outro em relação a nós ou vice-versa. Tanto a ficção quanto a realidade conduzem a uma interpretação desse espaço intercultural em permanente diálogo, tentando encontrar suas referências e identidade.

Na fronteira todos estes aspectos vão se internalizando e perpassam a história, atravessando o tempo e sedimentando identidades culturais que se manifestam de modo flexível, pois “são resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação.” (SOUSA SANTOS, 2001, p. 135) É preciso considerar que ali convivem também todas as influências da cultura globalizada e a idéia do transnacional. As fronteiras nacionais são, portanto, um espaço de complexidades.

Apesar de toda a diversidade apontada, acreditamos que as regiões fronteiriças apresentam uma cultura própria, ou seja, mostram traços que as identificam entre outras culturas e são provenientes de uma cultura que está dentro de outra, ao mesmo tempo em que se defronta com outra. São ligações entre representações que se constroem com o cotidiano e a convivência. E essa característica é notadamente própria desses lugares.

Dentro de uma concepção histórica de cultura, ela se desenvolve dentro de um contexto determinado. Conforme Sidekum (2003, p. 295) “as culturas sempre são processos em fronteiras.(...) Essa fronteira se produz e se estabelece no interior daquilo que chamamos de nossa própria cultura.” Desse modo o outro não vai estar fora do nosso contexto cultural, nem o alheio, mas dentro de um contexto, cujos processos são abertos e



na sua base localizam-se o princípio do tratamento, da interação e do comércio com o outro.

A língua na fala do fronteiriço

Em estudos realizados sobre a mídia local nas fronteiras nacionais⁴ passou a ser fundamental ‘ouvir’ o fronteiriço sobre a sua condição e sobre o espaço por ele habitado. Neste exercício, pode-se constatar o que o homem do lugar pensa sobre si, as práticas socioculturais por ele deflagradas e a luta diária que possibilitam o convívio harmônico com o outro e com o fenômeno fronteira no sentido de superar as dificuldades oriundas das regiões distantes dos centros do poder decisório em nível nacional.

“A gente consegue observar que (...), ao mesmo tempo em que existe essa integração com diversidades de línguas, diversidades culturais, essa integração é conflitante ao mesmo tempo. Isso pode ficar evidenciado no próprio jornal (...) a gente não consegue separar a história do nosso povo (...) se nós formos observar essa integração ela passa pelas famílias, se entrelaça, existe o choque público, o choque administrativo, burocrático, e as esferas, e isso causa um conflito (...) é visível que existe essa integração. As pessoas se sentem bem com o povo de lá, e o povo de lá se sente bem com as culturas daqui, e se entrelaçam. Mas existe o conflito.”

“Acho que você viver na fronteira é justamente você conviver com a diversidade, é se ambientar. E você ser fronteiro é você aprender a conviver com essa diversidade. Estar disposto a se integrar a esse processo. Aí passa pela língua, passa pelo processo histórico. Você estar constantemente se reciclando, é necessário que você se recicle, por questões que se alteram. (...) nós vamos ver uma série de conflitos que eu acho interessante. Por exemplo, a língua, (...) o português é muito mais falado, por conta do poder econômico (...) porque vem se buscar emprego (...) eles têm essa necessidade (...) por conta da economia. Quer dizer, isso é uma realidade.”

“... na questão lingüística isso se percebe claramente. Um paraguaio aprende a falar o português rapidamente, sem problema nenhum. Enquanto o brasileiro,

⁴ As autoras deste paper vêm realizando estudos sobre a comunicação nos espaços de fronteira nacionais há algum tempo. Em pesquisa em processo de conclusão – ‘Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças’ -, foram executados trabalhos com grupos focais em espaços da fronteira brasileira. Nas cidades conurbadas de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) ouvimos membros da comunidade local, multiplicadores de informação que possuíam influências sobre os moradores deste espaço fronteiriço.



ele não aprende a falar o espanhol. (...) a hegemonia do português é muito visível. E não se conhece, não se sabe, a maioria das pessoas não sabe, que nós temos uma origem em comum. Isso daqui (...) era habitado por índios, e os portugueses não conseguiam chegar até aqui, os espanhóis também não, porque os índios não permitiam. A questão geográfica protegia os indígenas de certa forma.”

Como fica evidenciado, o fronteiroço percebe que a língua é um elemento importante a ser considerado na relação diária com o outro. A diversidade cultural é algo presente e valorizado. As trocas se dão por meio da interação constante em diferentes níveis – econômico, político, social e cultural – e os entraves para esse relacionamento não podem ser colocados de lado. Se por um lado é necessário superar as adversidades presentes num espaço de fronteiras nacionais, por outro, existem fronteiras culturais que necessitam ser enfrentadas e respeitadas, numa preocupação de reconhecer as diferenças e estimular a aproximação pelas semelhanças.

Também pode ser verificado na fala do fronteiroço de Ponta Porã-Pedro Juan que a mídia local é vista como partícipe do processo integracionista como veremos a seguir.

A linguagem na mídia de Ponta Porã-Pedro Juan

O município de Ponta Porã localiza-se no oeste do estado de Mato Grosso do Sul, na região centro-oeste do país e faz divisa com Pedro Juan Caballero, Paraguai. Está a 328 km da capital, Campo Grande, e é o segundo município em altitude do estado.

Em Ponta Porã residem muitos gaúchos que se deslocaram para o Mato Grosso, principalmente na década de 70 em busca de riqueza por meio da exploração da terra. Lá as terras valiam menos em relação ao RS, portanto, comprava-se o dobro pelo mesmo valor. Ponta Porã é hoje a quinta maior cidade do MS com 66 mil habitantes e forma com Pedro Juan Caballero, Paraguai, uma fronteira conurbada, ou seja, olhando as duas cidades juntas, elas parecem ser apenas uma.

O limite é a Avenida Internacional, que a partir do momento em que a noite cai vira uma “terra de ninguém”. Por ter uma circulação facilitada entre os dois países e uma fiscalização não intensa, o fluxo internacional de pessoas e coisas é relativamente facilitado. À noite, a “terra de ninguém”, fica praticamente deserta e a mercê de acontecimentos. Uma das preocupações das autoridades com esses locais é a facilidade do crime, do contrabando de carros e armas, tráfico de drogas e da marginalidade.

Mas assim que amanhece, a fronteira de Ponta Porã com o Paraguai se enche de gente atrás dos importados. Um grande shopping popular – Shopping do Mercosul,



semelhante a um camelódromo, formado por barracas que se confundem entre brasileiras e paraguaias, está localizado bem na divisa dos dois países na área central da cidade. Muitos outros *freeshops* fazem circular milhares de pessoas por dia nas ruas centrais de Pedro Juan Caballero, mas o maior deles está situado fora do centro, o famoso Shopping China, com uma área estimada em mil metros quadrados. A sustentabilidade desta fronteira está ligada ao comércio e à agricultura.

O local não oferece muitas atrações turísticas, mas os governos dos dois municípios têm se reunido ultimamente para pensar alternativas que possam aproveitar as potencialidades turísticas desta fronteira, além das compras. Pedro Juan Caballero, 77 mil habitantes, é a capital do Departamento de Amambay e fica distante 565 quilômetros da capital, Assunção.

Ponta Porã conta com três emissoras de rádio: a Nova FM, A Fronteira AM e Ponta Porã AM, e os jornais: o Jornal de Notícias, o Jornal da Praça e O Progresso. Conta ainda com o Conesulnews, um jornal on line: www.conesulnews.com.br. Em Pedro Juan Caballero entre as rádios mais ouvidas destacam-se duas FM: a Cerro Corá e a Amambay FM. Escolhemos observar a Amambay FM para este estudo porque pode ser ouvida na Web (www.amambayfm.com) e um de seus programas – Bom Dia - é apresentado por um brasileiro.

A Rádio Amambay FM tem uma programação basicamente musical e é pontuada por informações curtas o dia todo. O programa Bom Dia, com Marcio Santos, que vai ao ar todas as manhãs demonstra de modo claro as relações socioculturais que existem entre os idiomas falados na fronteira e a cultura local dessa região. Ouvimos a primeira meia hora de cada programa em cinco edições consecutivas em março de 2007. O que notamos é uma supremacia do idioma português sobre o espanhol na locução do programa e um equilíbrio dos dois idiomas durante os espaços comerciais. Nessa primeira hora analisada, a cada edição, o apresentador cumpre um esquema fixo de estruturação do programa. Primeiro, abre o programa, toca a primeira música e já roda o primeiro bloco de comerciais, ora gravados no idioma português, ora em espanhol, chegando às vezes a alternar o idioma. As vinhetas mais longas são sempre em espanhol e se referem à rádio. As mais curtas, referem-se ao programa Bom Dia e são em português. Isso marca uma referência para o ouvinte. Quando há publicidade do lado paraguaio é feita em espanhol, e quando é de uma empresa brasileira, é gravada em português, mas ocorrem exemplos em que se dá o contrário, como é o caso da Marcelo



Pneus, localizada em Pedro Juan, gravada em português, e Internet Rádio anunciando para Ponta Porã, gravada em espanhol.

Depois dos comerciais entra a vinheta em português e o locutor anuncia os fatos do dia, utilizando-se de temas que dizem respeito a fatos do Brasil e do mundo, seguido de música. A escolha da música também remete ao Brasil e ao Mato Grosso, pois o estilo que é tocado no programa é o da música popular romântica sertaneja, como as canções de Leandro e Leonardo, Rick e Rener e outros. Esse estilo é muito ouvido em todo o Mato Grosso do Sul em grande parte das emissoras. Durante as cinco edições observadas não foi constatado a veiculação de nenhuma música paraguaia ou de outro gênero. A cultura musical local tende para este estilo e o locutor fez as escolhas baseado nesse aspecto. O ouvinte também pode participar via internet e telefone e pedir a música e, eventualmente, é citado pelo locutor.

Depois da música, que às vezes roda de duas em duas, o locutor apresenta em partes a previsão do horóscopo e em seguida entra mais um bloco comercial, a vinheta do programa, a palavra do locutor em relação à música e novamente mais música e mais um bloco comercial. É interessante chamar atenção que no meio dos blocos comerciais uma vinheta anuncia o tempo e a temperatura e num segundo momento a hora exata. É aqui a única referência do locutor em relação ao território em que ele está. Quando fala do tempo diz: “O tempo é bom e temperatura 23 graus, para toda a região da fronteira”. Quando reproduz a vinheta “hora exata”, fala sobre o horário de verão e dá os dois horários: “Horário de verão. Agora são oito horas e cinco minutos”, falando para Pedro Juan. E o locutor continua: “Ponta Porã: sete horas e cinco minutos”. Depois dos comerciais e da vinheta do programa, anuncia mais música. E na sequência, traz informações sobre futebol e notícias policiais encontradas na internet, intercalando com música e comerciais. As informações selecionadas são sempre sobre o Brasil, e nas cinco edições do programa não encontramos nenhuma sobre o Paraguai.

Questionado sobre este aspecto, o apresentador diz que este horário é muito ouvido por brasileiros, predominantemente, e que, às vezes, chega a esquecer que está fazendo rádio também para paraguaios de Pedro Juan, porque fala em português o tempo todo, embora mencione em seus cumprimentos - Bom dia! - para Ponta Porã e - Bom dia! - para Pedro Juan.

Interessante notar que, por um lado, a Amambay FM age intencionalmente quando opta por ter nesse horário uma audiência brasileira, principalmente, e não exige



que o apresentador se comunique em espanhol eventualmente, por outro, convivem os dois idiomas nos blocos comerciais e são assimilados pelos ouvintes da fronteira como um todo.

Assim como a mídia sonora emprega estratégias e modos de operação muito peculiares aos locais de fronteiras nacionais, a mídia impressa também aciona elementos ligados às práticas socioculturais da região: mesclar as línguas faladas pelos habitantes do espaço fronteiriço, o português e o espanhol. Cabe ainda destacar que no Paraguai o guarani também é considerado língua nacional.

O Jornal da Praça, produzido em Ponta Porã e com uma maior circulação no espaço local, foi fundado há trinta anos e já passou por várias reformulações. Em 2006 possuía uma tiragem de três mil e quinhentos exemplares, número que varia, pois está ligado diretamente aos altos e baixos da economia da região, refletidos tanto no número de assinantes quanto no valor do investimento dos anunciantes. Acompanhando a ‘evolução dos tempos’, atualmente o Jornal da Praça também pode ser encontrado na internet – www.jornaldapraça.com.br. No meio digital ficam disponibilizados artigos em português e espanhol, acompanhando a mesma ‘mecânica’ utilizada na versão impressa: abrir espaço para a língua do país vizinho.

No material analisado⁵, a língua guarani não é empregada ‘diretamente’, embora um estrangeiro que conheça os outros dois idiomas percebe na oralidade um ‘sotaque’ diferenciado dos fronteiriços, se comparado com a fala de moradores de comunidades semi-conurbadas como Uruguaiana (BR) – Paso de Los Libres (AR) ou conurbadas como Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY), também da fronteira.

O periódico utiliza a estratégia de naturalizar o uso das línguas mais faladas na região, isto é, apresenta textos em português e espanhol. Este é um procedimento aceito pelos leitores do jornal, ou seja, para o receptor/ leitor que utiliza esta prática no dia-a-dia, a permissão pode ser dada (mesmo que de forma não-consciente) ao jornal, que passa, dessa forma, a participar da construção da realidade.

O Jornal da Praça possui uma sessão em uma das línguas oficiais do país vizinho⁶. A designação ‘Pedro Juan Caballero’ serve para nomear o espaço designado para matérias noticiosas do Paraguai, em especial da região fronteiriça. Nem sempre o veículo reserva uma página inteira para esta finalidade. Em alguns casos (Jornal da

⁵ Edições do Jornal da Praça publicadas no ano de 2004.

⁶ Embora o material analisado na pesquisa Comunicação, cultura(s) e identidade(s) tenha sido coletado em 2004, procuramos acompanhar suas edições ainda nos dias de hoje, nas quais percebe-se a manutenção desta prática.



Praça, 31/jan - 1º/fev/ 2004, p. 07), a sessão restringe-se a metade da página. Em outros, o espaço se amplia, ocupando duas páginas, veiculando acontecimentos referentes à cidade vizinha e seus arredores (Jornal da Praça, 12/ago/2004, p. 4A-5A).

Observa-se também que, muitas vezes, há matérias em espanhol, mas a página é composta por, por exemplo, anúncios em português. Isto se torna visível em momentos de campanhas eleitorais (Jornal da Praça, 18-19/set/2004, p. 4A), quando candidatos brasileiros dirigem seu foco para o eleitorado, cujo público-alvo também é composto por habitantes de Pedro Juan, que, ou possuem cidadania brasileira ou dupla cidadania – brasileira e paraguaia. Percebe-se que a produção de uma sessão em espanhol do Jornal da Praça já se configura numa atitude diferenciada, destinada aos habitantes do lugar⁷.

Considerações finais

A linguagem faz parte das práticas socioculturais de qualquer comunidade. Como ficou evidenciado, tanto nas falas do homem do lugar como na mídia local – impressa e sonora – no espaço fronteiro de Ponta Porã–Pedro Juan Caballero a presença de duas línguas diferencia a vida dos habitantes daquela região. As trocas ocorrem não somente no âmbito comercial de bens e serviços, mas também nas relações sociais, políticas e culturais. Desta forma, a(s) língua(s) passa a fazer parte do processo de comunicação como fator decisivo para a integração dos povos e países que compõem a América Latina.

Neste aspecto, a contribuição da mídia local é imprescindível. Ao abrir espaço para as falas e textos dos habitantes do país vizinho, possibilita a valorização de um elemento cultural fundamental: a língua.

Cabe destacar a ausência do guarani na mídia sonora⁸. A nosso ver, este silêncio tem um significado importante: reproduz os interesses que, ao negar a existência de uma língua nativa, enfatizam a hegemonia dos mais ‘fortes’ e a origem européia dos colonizadores - portuguesa e espanhola. Mesmo assim, o habitante local, com destaque para o paraguaio, ao manter o idioma vivo, reforça suas raízes com os primeiros habitantes daquele espaço, os povos indígenas.

⁷ Seria ingenuidade nossa pensar que a atitude de as empresas abrirem espaço para seções na língua dos habitantes do país vizinho seja considerada apenas como uma ação de responsabilidade social destas indústrias culturais. Diz respeito também aos seus interesses econômicos, como destaca Traquina (2001).

⁸ A língua guarani é ouvida mais frequentemente nas rádios paraguaias de frequência AM, principalmente em programas noticiosos e programas que focalizam a música de raiz.



Verifica-se que como outras manifestações culturais como o hábito de beber chimarrão e tererê, ouvir ritmos brasileiros como o samba ou paraguaios como a polca (além das milongas e vaneras trazidas pelos gaúchos que ocuparam aquelas terras) a língua, a partir de seus signos, reforça as culturas nacionais implicadas no espaço fronteiriço, recriando e reforçando identidades, destacando este ambiente propício no qual a alteridade supera os momentos de tensão.

E neste aspecto a mídia local - sonora, como a Rádio Amambay FM e impressa, como o Jornal da Praça - participa ativamente da construção de uma realidade diferenciada, possível de ser conferida no cotidiano das comunidades fronteiriças como Ponta Porã–Pedro Juan Caballero, espaço de divisa do Brasil e do Paraguai.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Olga Maria C. M. O discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso. In: JANUÁRIO, Elias R. da Silva; FANAIA, João Edson de A. et. all. **Fronteiras: memória e linguagem**. Campinas: Pontes; Cáceres: UNEMAT Editora, 2001.

BISINOTO, Leila Salomão J. As atitudes dos falantes como fator de reordenação social e lingüística. In: JANUÁRIO, Elias R. da Silva; FANAIA, João Edson de A. et. all. **Fronteiras: memória e linguagem**. Campinas: Pontes; Cáceres: UNEMAT Editora, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GRIMSON, Alejandro. **Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro**. Buenos Aires: Ediciones Ciccus/La Crujia, 2000.

GRIMSON, Alejandro. **El otro lado del río: periodistas, nación y Mercosur en la frontera**. 1 ed. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires – Eudeba, 2002.

MULLER, Karla Maria. **Mídia e fronteira**. Tese de Doutorado em CD. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SIDEKUN, Antônio. **Alteridade e multiculturalismo**. Ijuí: Unijuí, 2003.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.